

APRESENTAÇÃO

Partindo da literatura, o objetivo do evento *Entre-lugares: Arte e Pensamento* foi tanto pensar a arte enquanto um *entre-lugar* como os infinitos *entre-lugares* que se podem realizar nos esbarros da literatura com outras artes e modos do pensamento, seja a pintura, a música, o teatro, a performance, a filosofia, a psicanálise etc. Através destas interfaces entre a literatura e seus pares, buscou-se um diálogo interdisciplinar que fizesse circular o pensamento. A raridade de eventos que favoreçam a exposição de teorias sobre a literatura e a arte em suas diversas modalidades tornou este colóquio uma experiência de grande interesse para a construção do conhecimento e o diálogo interdisciplinar no âmbito universitário. A presença de pesquisadores acadêmicos e artistas tornou o colóquio uma oportunidade única para tal diálogo e medida que permite o debate e a troca de experiências, ambos enriquecedores, para se aperfeiçoar o encaminhamento de pesquisas acadêmicas e incentivar novas formas do pensar. O formato do evento ligou-se a um conceito longamente defendido pelo *Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura* de que os estudos na área de literatura, no que se refere à teoria, ao comparatismo e à hermenêutica, tendem a ampliar seu escopo reflexivo por meio das múltiplas visões de sujeitos que se relacionam com a arte de modos diferentes. Assim, um evento como este, além de proporcionar ganhos significativos no campo da pesquisa científica, dinamiza a interação entre o corpo discente e o conhecimento elaborado a partir da interface do campo acadêmico e artístico. Em tudo o que se encontra de antemão legislado e eticamente pré-determinado, as pessoas se reconhecem, habitualmente, como territorializadas, centralizadas, classificadas, enfim, tópicas, assentindo em se tornarem passíveis de uma repetição infundível do que já fora experimentado por muitos. Poder-se-ia dizer que o que se divulga pela arte é a intensidade do encontro de um não-lugar com todo e qualquer lugar, que passa a deslizar, perder-se em uma experiência constantemente renovada. A arte torna todos os lugares permeáveis a um não-lugar onde qualquer fixidez se desassenta, se desloca, se desterritorializa, se desnorteia, se desorienta, para dar luz a novas imagens deste desterro. A partir de sua exclamação, ela é capaz de mostrar, no previsível, o imprevisível que o transpassa, no habitual, o inabitual que o risca, no solito, o insolito que o compõe, no contínuo, o descontínuo do qual ele é apenas um rosto... Neste jogo tensivo

entre o lugar e o não-lugar, pode-se dizer que, híbrida, a arte é um *entre-lugar*. Tais deslimites da arte necessitam dos limites previamente estabelecidos: para superar a relação sujeito-objeto, precisa-se de um e de outro, para transitar por um entre verso e prosa, precisa-se de um e de outro, para flagrar possibilidades entre o filosófico e o banal, precisa-se de um e de outro... Neste *entre-lugar*, que utiliza as imagens dadas pelo que está sua volta para, através delas, deixar ser deflagrada a força que tudo passa a controlar, descontrolando o prévio controle estabelecido e consensual, tudo está submetido à ininterrupta força de criação. Este elogio pensado à arte, à criação, que os textos deste número da *Revista Garrafa* buscam realizar. Todos os ensaios aqui presentes são oriundos das apresentações discentes efetuadas no evento *Entre-lugares: Arte e Pensamento*, constituindo-se assim como o lado escrito daquilo que, um dia, foi oral. Estar à altura da arte realizada neste país é o desafio maior que qualquer pensamento teórico exercido no Brasil deve enfrentar e certamente, esta foi a requisição enfrentada por todos aqueles que se aventuraram em tal caminho. Alberto Pucheu